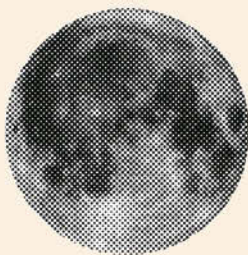


Anthony Marra



O CZAR

"O GUERRA E PAZ DO SÉCULO XXI."

THE NEW YORK TIMES

DO AMOR

MELHOR LIVRO DO ANO

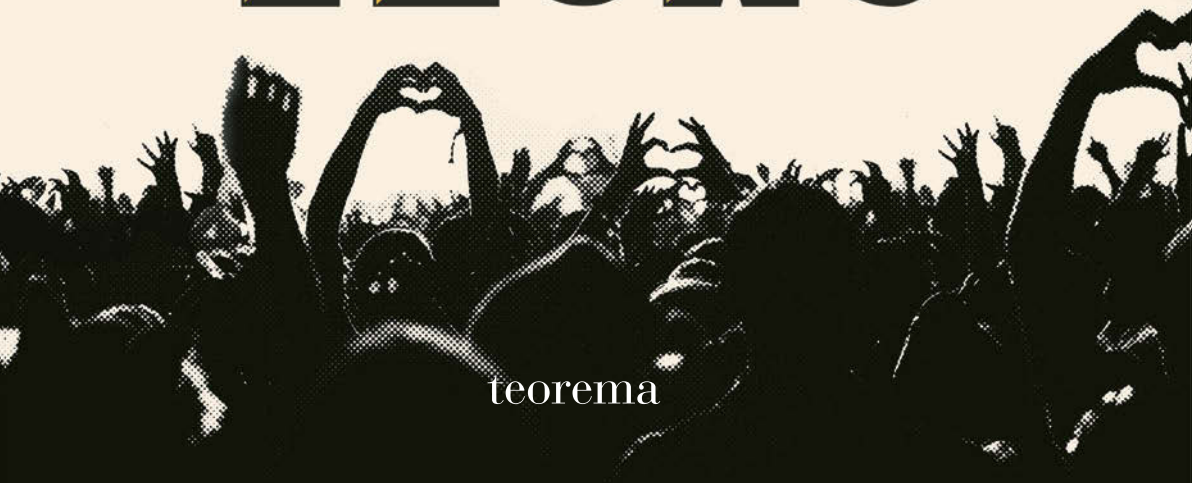
THE NEW YORK TIMES · THE WASHINGTON POST · NPR · THE HUFFINGTON POST · PUBLISHERS WEEKLY

E DO

NATIONAL BOOK CRITICS CHOICE AWARD

(FINALISTA)

TECNO



teorema

Anthony Marra

O CZAR DO AMOR
E DO TECNO

Tradução
Tânia Ganhó

teorema

LADO A

<i>O Leopardo</i>	13
Leninegrado, 1937	
<i>Netas</i>	69
Kirovsk, 1937-2013	
<i>O Posto de Turismo de Grozni</i>	105
Grozni, 2003	
<i>Um Prisioneiro do Cáucaso</i>	137
Terras altas chechenas, 2000	

INTERVALO

<i>O Czar do Amor e do Têcno</i>	177
São Petersburgo, 2010; Kirovsk, década de 1990	

LADO B

<i>O Lobo da Floresta Branca</i>	263
Kirovsk, 1999	
<i>O Palácio do Povo</i>	301
São Petersburgo, 2001	
<i>Uma Exposição Temporária</i>	342
São Petersburgo, 2011-2013	
<i>Fim</i>	371
Espaço sideral, ano desconhecido	
<i>Agradecimentos</i>	383

LADO A

O LEOPARDO

Leninegrado, 1937

Antes de mais, sou artista e, só depois, censor.

Tive de me lembrar disto, há dois anos, enquanto me arrastava escada acima até ao terceiro andar de um prédio de apartamentos comunitários, onde vivia a minha cunhada viúva com o filho de quatro anos. Ela abriu a porta com um ligeiro franzir de sobrolho, surpreendida. Não estava à minha espera. Não nos conhecíamos.

– O meu nome é Roman Osipovich Markin – anunciei.
– Irmão do seu marido.

Ela fez um sinal de assentimento e passou a mão ao longo da prega puída de uma saia cinzenta, enquanto se afastava para me deixar entrar. Se a referência ao Vaska a sobressaltou, disfarçou bem. Vestia uma blusa amarelada com botões acobreados. Os traços do pente que lhe sulcavam os cabelos escuros molhados pareciam ter sido desenhados a lápis de carvão.

Havia um menino afundado no divã, na almofada encoivada do meio. Depreendi que era o meu sobrinho. Para bem dele, esperava que saísse à mãe.

– Não sei o que o meu irmão lhe contou – comecei –, mas trabalho no Departamento de Agitação e Propaganda do Partido. Tem noção de que tipo de trabalho se trata?

– Não – disse o menino. O coitado do garoto tinha herdado a testa do pai. Estava condenado a usar chapéu.

Dirigi-me à mãe:

– O seu marido não lhe disse nada sobre mim?

– Disse que tinha um irmão que era uma espécie de tolinho da aldeia em Pavlovsk – respondeu ela, num tom ligeiramente mais alegre. – Não disse que estava a ficar careca.

– Não é tão mau como parece – ripostei.

– Importa-se de ir direto ao motivo da sua visita?

– Todos os dias vejo fotografias de traidores, destruidores, sabotadores, contrarrevolucionários, inimigos do povo. Nos últimos dez anos, foram umas quantas por dia. Nos últimos meses, os números habituais aumentaram. Costumava receber uma pasta fininha todos os meses. Agora, recebo uma todas as manhãs. Em breve passarei a receber uma caixa. E, depois, caixas.

– Não me diga que veio cá só para me descrever o estado do seu escritório?

– Vim prestar um último serviço ao meu irmão – respondi.

– E que serviço é esse? – perguntou ela.

As minhas vértebras cingiram-se. As minhas mãos pareceram-me demasiado grandes para o tamanho dos bolsos. É uma coisa horrível, quando se diz em voz alta.

– Garantir que a desdita dele não se torne uma característica de família.

Ela reuniu todas as fotografias que tinha do Vaska, como pedi. Nove, ao todo. Um retrato do casamento. Um dia no campo. Uma tirada no dia em que se mudaram para a cidade, o seu primeiro ato enquanto habitantes de Leninegrado. Uma do Vaska em pequeno. Ela sentou-se no divã e mostrou-as, uma a uma, ao menino uma última vez antes de as levar para o quarto.

Espalhou-as em cima da secretária. O quarto dela era praticamente só soalho vazio. A cama ainda dava para três, com o cobertor cuidadosamente esticado por cima de uma massa mole de almofadas. O mais provável era que agora só a partilhasse com o filho.

Fiz deslizar uma moeda de um rublo no tampo da secretária, com o martelo e a foice virados para cima.

— E que devo eu fazer com isto?

Apontei com a cabeça para as fotografias.

— Sabe o que tem de fazer.

Ela abanou a cabeça e, varrendo o tampo com o antebraço, pôs uma galaxiazinha de poeiras em órbita e fez voar a moeda para o chão.

Ainda estaria apaixonada pelo meu irmão? Custava a acreditar. Ele fora considerado culpado de radicalismo religioso por um tribunal imparcial e justo. Recebera a única sentença adequada a um louco que envenena os outros com a ilusão de que o Céu está à nossa espera. O paraíso só é possível aqui na terra, só é possível se o projetarmos nós. Não se devia invejar a devoção cega daquela mulher a um homem que dera provas de ser indigno de amor. Não se podia.

Ela pressionou as fotografias com as palmas das mãos, espetou os cotovelos para fora para tapar as imagens com

as costas largas, um instinto que fazia lembrar o de uma criatura esfomeada a proteger os seus últimos pedaços de comida, o que até podia ser verdade: o estômago não é o único órgão vital que passa fome.

— Vá-se embora — disse ela, com aspereza na voz. Fixou as costas das mãos. — Deixe-nos em paz.

Eu podia ter-me virado e saído do quarto, fechado a porta e encerrado o assunto. Já tinha feito mais do que me era exigido. Mas houve qualquer coisa que me manteve os calcanhares fincados nas tábuas do soalho. Embora o conceito de família se estivesse a tornar tão obsoleto como a carroça, eu não tinha mulher nem filhos e queria que alguém do meu sangue vivesse para ver o paraíso que nos propusemos conquistar. Queria que aquele garoto ali sentado no divã crescesse, se tornasse um construtor ativo do comunismo e soubesse, quando fosse um velho gordo e feliz e analisasse a sua vida em retrospectiva, que a sociedade sem falhas que o rodeava justificava a morte do pai e, depois, se sentisse grato pela lição que lhe ensinara o tio que ele conhecera por breves instantes, numa fria manhã de inverno, havia uma eternidade.

Uma tolice, eu sei.

Agarrei-lhe no pulso e enfiei-lhe a moeda entre os dedos.

— Não vim cá fazer-lhe mal — disse-lhe. — Vim cá certificar-me de que não lhe fazem mal a si. O seu marido era um inimigo do povo. O que é que acha que vai acontecer se os homens do NKVD fizerem uma rusga ao apartamento e encontrarem estas fotografias todas? É preciso eu explicar-lhe com todas as letras?

Qualquer que fosse, o sentimento ali espalhado, a nu, em cima da mesa, retraiu-se dentro dela. Segurou na moeda quando eu a larguei. Aquela moeda podia ter comprado uma empada de carne, um caderno de desenho, um bolo, um sabonete; posta na mão de outra pessoa, podia ter-se tornado o momento radioso de um dia mortiço, mas as moedas não escolhem o seu destino.

– Porque é que não o faz você? Você é que é o artista. É este o seu trabalho.

Consultei o meu relógio.

– Só entro ao serviço daqui a uma hora.

Quando ouvi o lento raspar da moeda no papel fotográfico, virei as costas. Na sala, o menino estava sossegado a examinar as finas linhas gravadas nas palmas das mãos.

A semelhança física com o pai era incrível. Um nariz ainda demasiado grande para o rosto; uma trunfa preta, com cada folículo espetado numa direção diferente; os lábios crispados, pequeninos como um botão. Eu devia ter oito anos quando o Vaska tinha a idade dele. Nos dias de verão, vagueávamos pelas florestas e campos e, à noite, tamborilávamos mensagens em código um ao outro através da parede que separava os nossos quartos; tínhamos cada um o seu. Pedia-lhe para posar para mim em todas as estações e gradações de luz, para eu o desenhar, para poder preservar a expressão dele a carvão na página. Se não fosse o Vaska, eu nunca me teria tornado artista. O rosto dele foi a minha aprendizagem.

– Sabes falar? – perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Com parcimónia, pelo que vejo. Como é que te chamas?

– Vladimir.

Apertei-lhe o ombro e ele sobressaltou-se, surpreendido com o gesto súbito de afeto. Tinha o mesmo nome próprio que Lenine, um sinal auspicioso.

– Quero que faças uma coisa – pedi. – Estás disposto a tentar?

Ele assentiu com a cabeça.

– Olha a direito para mim – instruí e, a seguir, mostrei os dedos muito depressa junto da orelha dele. – Quantos dedos tenho espetados?

Ele espetou quatro dedos.

– Muito bem. Tens a vista aguçada. Um dia, talvez venhas a ser atirador de precisão ou vigia. Vou contar-te a história do czar e do quadro. Conhece-la?

A moeda a raspar o papel no quarto podia ser o vento a restolhar folhas; era como se estivéssemos longe dali, perto de uma dacha, com o sol a queimar por cima das nossas cabeças.

– Pois, foi o que eu pensei – disse eu. – Começa com um jovem que derruba um czar mau. O jovem torna-se o novo czar. Promete aos súbditos que, se lhe obedecerem, os seus problemas desaparecerão. «Como é que vai ser esse novo reino?», perguntam os súbditos. O czar reflete sobre a questão e, depois, manda os pintores da corte pintar um quadro do novo reino.

»Primeiro, o quadro tem só uns passos de comprimento, depois tem umas quantas dezenas, depois centenas de passos. Daí a nada, o quadro tem quilómetros e quilómetros de comprimento. Ou seja, é um quadro enorme, não é? As matérias-primas são essenciais para o seu êxito. O linho

que teria vestido os súbditos do czar é requisitado para a tela. A madeira que teria construído casas é requisitada para a moldura.

»Quando os súbditos se queixam de frio, o czar manda-os olhar para o quadro e ver os belos casacos e peles que em breve usarão. Quando têm de dormir ao relento, ele manda-os olhar para o quadro e ver as belas casas onde em breve viverão.

»Os súbditos obedecem ao czar. Sabem que, se desviarem os olhos do quadro e virem o que os rodeia, se virem o mundo como ele é, o czar os fará desaparecer numa grande nuvem de fumo. Daí a nada, todos os súbditos estão petrificados, incapazes de se mexerem, tal qual os seus reflexos no quadro.

O menino fitava-me com o sobrolho franzido de tédio. Devia estar habituado a que lhe contassem histórias de maneira exímia. Os censores prestam menos atenção à literatura infantil do que à literatura para adultos, por isso, naturalmente, os nossos melhores escritores afluem em bando para esse género.

– Quantos dedos tenho espetados? – perguntei.

Ele espetou três.

Afastei a mão ainda mais para a periferia.

– E agora, quantos?

Ele espetou um dedo.

– E agora?

Começou a virar a cabeça, mas repreendi-o.

– Olhos postos em frente. Assim como as pessoas do quadro não podem virar a cabeça para ver quem está atrás delas, tu também não podes.

– Não consigo ver os dedos – disse ele. – A sua mão está demasiado lá atrás.

– Pois está – assenti. – E é aí que está o teu pai. Está ali, pintado no pano de fundo, atrás da tua cabeça, onde não o podes ver. Está ali, só que nunca te podes virar para ver.

O raspar da moeda já tinha cessado há algum tempo. Quando levantei os olhos, a mãe do menino estava parada na entrada do quarto. Segui-a para o interior da assoalhada. As fotografias estavam cuidadosamente alinhadas na secretária. Em cada uma delas, um rosto, apenas um, tinha sido tão violentamente raspado que se via o grão da madeira pelo buraco. Doeram-me os olhos de ver aquilo. Fechei-os.

– Tire fotografias do seu filho todos os anos – aconselhei. – Se você for presa, ele será enviado para um orfanato do Estado sabe-se lá onde. Com uma fotografia recente, será mais fácil encontrá-lo.

Eu já ia à porta, quando ela me agarrou no pulso e me fez virar.

– Isso não chega – disse. – Ainda está em dívida para com o meu marido.

– É o melhor que posso fazer.

Pôs-me a mão no pescoço. O menino ficou ali sentado, na outra ponta da sala, a observar com uns olhos escuros e embotados. O que veria quando olhava para mim? Continuamos a ser os heróis da nossa própria história, mesmo quando nos tornamos os vilões da de outra pessoa qualquer. O peito da mãe pressionou-me o antebraço.

– Pertence ao partido – insistiu ela. – Faça qualquer coisa. Mude-nos para um sítio qualquer.

– Eu corrijo imagens, mais nada.

– Então, o que é que nós podemos fazer mais? Diga-me. Quando uma criança vai para um orfanato, desaparece.

Tinha os olhos raiados de rosa. Pousou as mãos em concha nas minhas bochechas, enfiando os dedos médios por baixo dos lóbulos das minhas orelhas. Havia qualquer coisa de desconhecido no calor intenso e espesso da respiração dela no meu rosto. Já nem me lembrava da última vez que alguém respirara para cima de mim, nem da última vez que me sentira desejado.

– Prove a sua lealdade – respondi baixinho. – Isso pode resultar. Na minha própria experiência, resultou.

Olhou para o menino e, depois, pegou-me na mão. Passámos diante do garoto e ela guiou-me em direção ao quarto, em direção à cama que ainda dava para dois. Tudo o que eu queria era fugir dali, livrar-me daquela gente. Ainda assim, foi um alívio ver que ela estava disposta a levar o irmão do marido morto para o quarto, um alívio saber que o menino talvez vivesse o suficiente para se tornar o tal velho gordo e feliz, porque a mãe percebia, como o pai nunca fora capaz de perceber, que não é Deus nem a gravidade e sim a graça do Estado que nos mantém na Terra.

Libertei a minha mão dos dedos dela. Ela virou-se, hesitante. Inclinei-me para ela, para o menino não me ouvir.

– A lealdade prova-se pela traição. – As palavras percorreram uma distância equivalente à de um dedo mindinho, dos meus lábios até ao ouvido dela. – Denuncie alguém próximo de si. É isso que eu sei que resulta.

*

Passaram-se dois anos desde essa manhã. Há um mês, o departamento requisitou o meu pequeno gabinete. Um sentido de humor maldoso, no mínimo, preencheu o vazio entre as orelhas do meu superior: deu-me ordem para continuar o nosso trabalho fundamental debaixo da terra. Várias dezenas de metros debaixo da terra.

Despeço-me do céu e desço ao subsolo. Entre ténues lâmpadas elétricas, imagino-me a contrair-me dentro da sombra, a tornar-me Caravaggiano. Por muito cedo que eu chegue, os operários já cá estão: a assentar carris, a reforçar o cimento dos túneis, sem nunca levantarem os olhos cautelosos na direção dos meus. Sou envolvido por um enxame de serradura e emerjo diante da porta do que deve ser o escritório do chefe de estação.

O Maxim, o meu assistente, chegou antes de mim. A mesa de trabalho já está pronta, com bicos, latas de ar comprimido, tinta, diretivas lacradas e pilhas de pastas com fotografias por corrigir.

O armário dos Estalines mais novos ergue-se a um canto. Contém fotografias do nosso *vozhd* tiradas nos últimos vinte anos. Sempre que possível, substituímos as atuais por outra de um Estaline mais jovem. É fundamental transmitirmos ao povo o vigor jovem do seu estadista envelhecido. Quanto mais os anos passam, mais nós temos de recuar no tempo para encontrar material novo. Os leitores de determinados periódicos são capazes de se preocupar por ele estar mais jovem a cada ano que passa: quando fizer setenta anos, será um adolescente de rosto esguio.

— Está atrasado, camarada — diz o Maxim, por falar em adolescentes de rosto esguio. O dia em que nos conhecemos,

quando o Departamento de Agitação e Propaganda do Partido o nomeou meu assistente, foi o último em que me fez a continência. Envia cartas a elogiar as chefias do partido na esperança de que a polícia as intercete, leia e registre as suas expressões de lealdade. Não esconde minimamente que anda a cobiçar o meu cargo.

– Estou velho, camarada – respondo.

O Maxim, que é uma bestinha, faz que sim com a cabeça.

À hora do almoço, já nós corrigimos a aerógrafo três rostos de um retrato da Comissão de Comércio Externo de 1930 que foi retocado tantas vezes que mais parece uma pintura do que uma fotografia. Ou melhor, eu corriji; o contributo do Maxim reduz-se a fumo de cigarro e um sorriso azedo. Concentrado no rosto debaixo do meu aerógrafo, levanto os olhos e deparo com o Maxim concentrado no meu. Nem lápis de chumbo a bestinha seria capaz de apagar.

Almoçamos sozinhos. O Maxim fica no gabinete iluminado a vapor de mercúrio, enquanto eu vagueio pelos túneis. Já percorri estes túneis durante horas e não lhes encontrei o fim. Um dia, os gratos cidadãos de um paraíso socialista serão transportados por comboios através deste mundo dos mortos. Nessa altura, veremos que foi justificado todo o trabalho que aqui fizemos em nome deles.

À tarde, debruçamo-nos sobre uma tela de Isaak Brodsky que retrata a chegada de Lenine à Estação Finlândia, na cidade que então se chamava Petrogrado.

– Reparou na perspectiva, Maxim? – pergunto. – Está a ver como as linhas de fuga se centram todas na boca aberta

do camarada Lenine, para dar a sensação de que toda a cena é transmitida através do discurso dele? Uma técnica que remonta aos mestres do Renascimento. Lembre-se da *Última Ceia* de Da Vinci.

É tão raro encontrar boas obras.

O Maxim franze o sobrolho e aponta para o Inimigo Trotsky, à espreita por trás de Lenine; temos de o apagar, porque ele nunca lá esteve.

— Deixe-se de coisas — diz ele, desdenhoso, como sempre, do formalismo. — Vai demorar imenso tempo a corrigir o quadro, é escusado ir buscar a história toda da arte ocidental. Seja como for, a pintura devia ter-se ficado pelo Da Vinci. Para acabar em alta.

Pena. Infelizmente, creio que sou um dos últimos artistas corretores de Leninegrado que frequentou a Academia Imperial de Belas-Artes antes da Revolução. A nova raça, filisteus como o Maxim, cresce em escolas onde as crianças pintam cinzas aguadas com os dedos nos rostos dos inimigos políticos. Aprendem a censurar antes de aprenderem a escrever. Nunca foram ensinadas a criar o que agora destroem e não têm noção do que sacrificam ao certo.

No passado mês de julho, tive a oportunidade de corrigir um dos meus próprios quadros, uma cena da Revolução de Outubro pintada a óleo há uma década, em 1927. Entre uma ardente sublevação do proletariado, eu tinha erroneamente incluído as figuras de Grigory Zinoviev e Lev Kamenev, que não podiam lá ter estado, não depois de terem sido considerados traidores num recente julgamento público. Substituí os nossos vilões pelo nosso herói; Estaline estava lá, está lá, está em toda a parte. Além disso, reparei

noutros erros – ligeiros erros de perspetiva, um choupou mal desenhado, um céu noturno plano e estéril – que, por iniciativa própria, decidi corrigir. Demorei duas semanas quando devia ter despachado o trabalho numa tarde. É tão raro a vida dar-nos uma segunda oportunidade.

O Maxim pousa uma nova fotografia na secretária.

Nela, uma bailarina paira acima do palco do Mariinski. O braço esquerdo eleva-se na cunha esplendorosa de um invisível foco de luz. Uma grinalda de penas coroa-lhe os cabelos pretos. Os dedos grossos de uma silhueta masculina espartilham-lhe a cintura. Ele ergue-a, lança-a, carrega-a ou apanha-a. Veem-se as primeiras cinco filas de espectadores fotografadas dos bastidores.

– Quem é?

O Maxim encolhe os ombros. A mulher não é ninguém. O facto de nos terem dado a fotografia dela é prova suficiente de que já não dança.

Mas, nesta fotografia, ainda tem um tutu, *collants*, o teatro cheio e, no camarim, rosas em água e champanhe no gelo. Ainda tem carreira. Casa. Diploma. Certidão de nascimento.

Sei que devia estar a preparar o aerógrafo, a aplicá-lo no rosto achatado dela, mas faz-me lembrar muito a mulher do meu irmão – eu sei que é absurdo – e desfigurá-la parece-me uma crueldade infligida a ela, a este pedaço de papel, à tinta do aerógrafo, a qualquer mão que o empunhe um dia, a qualquer olhar que a contemple no futuro.

É a primeira vez que uma coisa destas me acontece, juro que é. Espero que a sensação esmoreça. O Maxim deve ter reparado na minha expressão, porque me pergunta se me sinto mal.

– Estou tonto – digo. – Zonzo.

– Devia almoçar, em vez de passear pelos túneis – diz ele, e sugere que deixemos a bailarina para o dia seguinte.

Quando subo os degraus de madeira até ao nível da rua, já o sol-poente é uma moeda de cobre no horizonte. Estamos no final de outubro e o inverno cerra fileiras. Em breve, a noite envolverá a Terra e Leninegrado toda se tornará um túnel que atravesso.

Palácios em tons pastel ladeiam o Neva, concebidos por Francesco Bartolomeo Rastrelli ou por subsequentes imitadores; já não me lembro de quais é que são os autênticos e quais as cópias. Rastrelli morreu aqui, em 1771, e consegue-se discernir as adições posteriores, como caminhos de acesso mais largos, garagens, antenas, janelas com grades, portas de ferro. Será que estas alterações arquitetónicas minam a visão original de Rastrelli ou será que ele, enquanto artesão da corte, compreenderia que a arte, tal como as preferências políticas, a moral e as convicções de uma pessoa, está sujeita aos ditames do poder?

Um cartaz exclama: MULHERES, NÃO SEJAM TOLAS, PARTICIPEM NAS ATIVIDADES DESPORTIVAS! Outro mostra um homem de olhos vendados a cair de um penhasco: OS ILETRADOS SÃO CEGOS CONVENCIDOS DE QUE CONSEGUEM VER!

Os meus óculos embaciam-se quando entro em casa. Procuo vestígios do calor da fornalha. Um emigrante polaco inventou o radiador nesta mesma rua, há cerca de oitenta anos; continuo à espera de um. Quando fui promovido, há cinco anos, uma equipa de subalternos, suficientes para formarem uma equipa de futebol, vasculhou o meu apartamento e confiscou todas as imagens com o meu rosto. Uma precaução, explicaram.

As minhas paredes estão vazias, à exceção de um retrato do nosso *vozhd*, Estaline. O retrato foi esbatido nas franjas, de maneira que o rosto de Estaline parece pairar livremente a uma luz penugenta, como um santo ou salvador num velho ícone. Se o paraíso só pode existir na Terra, então Deus só pode ser humano.

Viro-o ao contrário. Nas costas, pintei um dos felinos de Henri Rousseau, uma centelha dourada às pintas a espreitar por entre folhas verdejantes. Uma sensação de pertença escapa-se-me sob a forma de um suspiro. Agora, sinto-me em casa.

Na minha geração, o cargo de artista corretor é um prémio de consolação para pintores falhados. Frequentei a Academia Imperial de Belas-Artes durante um ano, onde fiz pequenas naturezas-mortas – taças de fruta e jarras de flores –, cada miniatura realista como uma fotografia, antes de avançar para os retratos, a minha vocação, a arte mais perfeita. O retratista tem de reconhecer a complexidade humana a cada pincelada. Os olhos, o nariz e a boca que compõem o rosto de um sujeito, tal como o sofrimento e a alegria que lhe compõem a alma, são semelhantes aos de outros dez milhões de indivíduos e, no entanto, não deixam de lhe ser singulares. É neste reconhecimento que começa a arte. Pode ser também onde começa a misericórdia. Se os criminosos desenhassem os rostos das suas vítimas antes de cometerem os crimes e os juízes desenhassem os rostos dos culpados antes de os condenarem, não haveria rostos para os carrascos desenharem.

«A arte existe para que a verdade não nos mate», escreveu Nietzsche, uma citação que eu tinha afixada à minha mesa de trabalho. Já em estudante sabia que a arte nos mata tão facilmente como qualquer instrumento de coerção. Claro está que um punhado de autênticos visionários tratou as palavras de Nietzsche como um édito em vez de ironia, mas hoje estão mortos ou encarcerados, e as suas obras têm ainda menos probabilidades do que as minhas de agraçarem as paredes do Hermitage. Depois da Revolução, as igrejas foram pilhadas, as relíquias destruídas, obras de arte de valor incalculável vendidas no estrangeiro em troca de maquinaria industrial. Participei no processo, a princípio involuntariamente, destruindo ícones enquanto sonhava criar retratos; já nessa altura era em simultâneo criador e apagador de rostos humanos.

Pouco depois, fui abordado pelos órgãos de segurança, que me ofereceram um cargo. Quem não consegue ter êxito, ensina. Quem não consegue ensinar, censura os êxitos dos outros. Ainda assim, eu podia ter acabado em pior situação; disseram-me que o chanceler alemão também é um artista falhado.

A maior parte da censura, claro está, é feita pelos editores. Uns cortes, umas correções, um ajustamento das margens bastam para eliminar muitos elementos indesejáveis. Isto tem limitações óbvias. As bochechas de Estaline, por exemplo, marcadas de bexigas. Para as emendar, teríamos de lhe cortar a cabeça na totalidade, um crime pelo qual nos cortariam a cabeça a nós. É para executar esse tipo de trabalho sensível que me chamam. Durante um deprimente período de quatro meses, não fiz mais nada a não ser corrigir-lhe as bochechas com aerógrafo.

Quando entrei para o departamento, no início não me confiavam missões tão delicadas. Durante o primeiro ano, passei a pente fino as estantes das bibliotecas com a edição mais recente da *Lista Sumária de Livros Excluídos das Bibliotecas e da Rede do Comércio Livreiro*, à procura de imagens de oficiais recém-caídos em desgraça. O trabalho devia ser feito por um bibliotecário, mas não se pode confiar em pessoas que leem tanto.

Encontrei imagens ofensivas em livros, jornais antigos, panfletos, em quadros ou em fotografias soltas, poses sentadas para o retrato ou de pé no meio de multidões. Dava para arrancar a maior parte delas, mas algumas imagens censuradas tinham de ficar, à laia de aviso. Nesses casos, a solução era a eliminação com tinta da China. Um suave inclinar do frasco, umas quantas compressões do conta-gotas e o rosto desgraçado afogava-se numa reluzente poça negra.

Só uma vez testemunhei o verdadeiro poder do meu trabalho. Na sala de leitura da biblioteca da Universidade Estatal de Leninegrado, que visitava com frequência para analisar fôlios de estampas pré-revolucionárias, vi um rapaz de casaco de marinheiro a folhear um volume de revistas encadernadas. Passou as páginas até meio da edição de agosto de 1926 e deteve-se num retrato coletivo de cadetes. Os cadetes estavam de pé em três filas austeras, noventa e três rostos no total, sessenta e dois dos quais eu tinha eliminado, um a um, ao longo de dois anos.

Continuo sem saber qual dos sessenta e dois ele buscava, ou se o dele se encontrava entre os trinta e um rostos que ainda não tinham sido apagados com tinta preta. As costas curvaram-se-lhe. Agarrou-se à mesa com uma

mão, para se apoiar. Por detrás dos seus grandes olhos castanhos, qualquer coisa se quebrou. Uma exclamação soltou-se-lhe da boca antes de conseguir abafar o grito com o punho.

Com umas quantas gotas de tinta, eu infligira à alma dele uma violência muito superior a qualquer reação que os meus retratos mais belos alguma vez teriam conseguido suscitar. Para que a arte seja o cinzel que parte o mármore dentro de nós, primeiro o artista tem de se tornar o martelo.

— Chega de preguiça — diz o Maxim. — Hoje, corrigimos a bailarina.

— É demasiado ávido, Maxim. A ambição pessoal não assenta bem a um socialista.

Ele solta um grunhido. O Maxim deve ser a prova científica mais capaz de que o homem descende do macaco.

Passaram-se uns dias desde que recebemos a fotografia da bailarina desgraçada. Tive esperança de que ela fosse esquecida, à conta do influxo de outras imagens ofensivas. A antessala é um labirinto de pilhas de caixas que nos dão pelos ombros e crescem de dia para dia. É melhor não seguir este raciocínio até à sua conclusão natural.

O Maxim prepara a fotografia em cima da mesa. A mulher do meu irmão não é bailarina. Esta rapariga não é ela. Não devo nada a esta pessoa. É um inimigo, uma não-pessoa, nem sequer ali está. Já eliminei Trotsky tantas vezes com o aerógrafo que lhe conheço todos os gestos e humores, conheço-o com a familiaridade de um membro

da família e nunca senti pesar; no entanto, só de pensar em apagar esta mera desconhecida, algo dentro de mim desmorona sobre uma esfera oca de tristeza.

Controla-te, homem.

– Empresta-me o isqueiro? – pergunta o Maxim, empunhando um cigarro. Entrego-lho e ele acende o cigarro sem tirar os olhos de mim.

Prepara o aerógrafo e eu carrego uma lata de tinta em tons de cinza. Debaixo de breves exclamações de fumo, ele observa-me, enquanto pinto com o aerógrafo o palco por cima das pernas da bailarina desgraçada, os rostos do público por cima do tronco esguio. Ela cai, decidi, nas mãos do parceiro. Olha na direção contrária à do público, para a máquina colocada ao fundo do palco, através do obturador aberto, para mim, o seu derradeiro público, enquanto lhe apago os olhos.

É preciso tanta mestria, tanta acuidade visual para fazer desaparecer uma figura no pano de fundo. Com a ajuda de uma lupa e de um pincel fino, expurgo a cintura dela dos sulcos que alargam entre os dedos abertos do parceiro. Pinto os braços dela até sobrar apenas a mão esquerda, estampada no feixe de luz, como uma luva soprada pelo vento a dançar com um homem solitário, e deixo-a ali ficar enquanto acabo os retoques.

Há momentos de intenso prazer criativo: a perna direita da bailarina tapa o rosto de um adolescente sentado na primeira fila e, em vez dela, pinto um retrato do tamanho de um selo do meu irmão Vaska, quando tinha essa idade. Nos últimos dois anos, inseri-o em centenas de fotografias e quadros. Vaskas jovens. Vaskas velhos. Vaskas em multidões

a ouvir Lenine. Vaskas a trabalhar em campos e fábricas. Está pendurado nas paredes de tribunais, ministérios, escolas, prisões, inclusive na sede do NKVD, onde, se olharem com atenção, verão o Vaska a lançar um olhar carrancudo a Yevgeny Tuchkov, o homem que o fez desaparecer.

E medo de ser apanhado, tenho? É claro que não. Os meus superiores estão demasiado concentrados em quem elimino para repararem em quem introduzo.

A mão esquerda da bailarina continua a pairar. A minha decisão é mais sentida do que propriamente pensada. Pouse o aerógrafo com a mesma expressão com que uma pessoa pousaria um garfo, se estivesse enjoada. Deixarei a mão da bailarina desgraçada onde está, onde deveria estar, ali mesmo, uma mão a adejar, pedindo ajuda, dizendo adeus, aplaudindo o vazio, uma só mão que um dia me terá segurado no pescoço, enquanto uma voz me pedia ajuda ao ouvido.

Enfio a fotografia corrigida numa pilha com meia dúzia de outras imagens. O Maxim dá-lhes uma vista de olhos enquanto limpo o aerógrafo com um pano encerado. Grunhe. Terá reparado?

— Está tudo bem, camarada? — pergunto, incapaz de impedir que a voz me trema.

Ele sorri calorosamente. Saem-lhe presas de fumo pelas narinas.

— Estava só a admirar o seu trabalho — diz ele. — É tão fácil ignorarmos a beleza do que fazemos, não é?

Passamos a tarde de volta da caixa mais recente. Quando o Maxim se arrasta até à antessala, tiro a fotografia da bailarina à socapa da pilha. É irracional, um instinto de louco,

mas e se alguém reparar na mão dela a pairar? Serei castigado pelo meu descuido?

O Maxim regressa ao escritório antes de eu poder corrigir a fotografia ou devolvê-la à pilha, por isso escondo-a no colo.

– Sente-se bem, camarada? – pergunta. – Está com ar febril.

Limpo a testa com a manga da camisa.

– Demasiado tempo no subsolo, deve ser isso.

O Maxim assente e sugere que terminemos o trabalho cedo. Faço que sim com a cabeça, agradecido. Como não me vem uma alternativa à mente, dobro a fotografia e guardo-a no bolso do sobretudo. Já percorri uma dúzia de passos no túnel, quando ele me chama.

– Camarada, acho que se esqueceu de uma coisa.

A febre de que o Maxim suspeitou parece-me subitamente real. Não há desculpa nenhuma para levar uma fotografia para fora das instalações. Levanta suspeitas que fazem do ato uma ofensa capital. Seguro-me à ombreira da porta.

– Sim, camarada? – consigo dizer.

O Maxim observa-me. Ele sabe. Ele sabe.

– Está a ficar muito esquecido, camarada – diz, e mostra-me o meu isqueiro de prata.

Quando éramos garotos, nos anos que precederam a Revolução, o meu irmão e eu brincávamos aos monárquicos e revolucionários, mudando de fação meia dúzia de vezes até à hora do jantar. À noite, tamborilávamos na parede que separava os nossos quartos usando o código dos

presos inventado pelos dezembristas¹. O código organizava o alfabeto num gráfico com cinco filas e seis colunas. O toque para cada letra correspondia ao número da sua fila e coluna. Escrevíamos com o som numa parede que nos dividia tão pouco como uma carta divide o remetente do destinatário.

Quando crescemos o suficiente para nos convenceremos de que éramos homens, já eu me virara para o bolchevismo. O Vaska refugiou-se na Igreja Ortodoxa. Idolatrávamos os mártires das nossas respetivas causas. Uma noite, os meus camaradas deram uma sova ao Vaska com tanta violência que ele próprio quase se tornou um mártir morto. Quando entrou na cozinha da minha avó, vinha com o olho esquerdo tão inchado que não o conseguia abrir e o nariz partido num ângulo terrível. Peguei-lhe nas mãos. Tinha os nós dos punhos incólumes.

– Tens de fugir quando te vierem procurar – disse-lhe.

– Não, tenho de ficar – retorquiu, com um olhar fulminante.

– Então, pelo menos defende-te. Isto é uma vergonha.

Ele inclinou-se para a frente, mostrando o rosto todo partido como prova, e disse:

– Achas que *eu* é que devo sentir vergonha?

Foi a última vez que falámos. Durante anos, depois disso, achei que sabia tão pouco sobre a vida dele que nunca o poderia trair.

Em agosto de 1931, uns agentes da OGPU disseram-me que Vasily Markin ia ser detido nas duas semanas seguintes,

¹ «Dezembrista» refere-se, aqui, aos participantes da conspiração falhada para derrubar o czar Nicolau I da Rússia, em dezembro de 1825. (*N. da T.*)